

AMBIENTE APENAS QUATRO MUNICÍPIOS TRATAM ESGOTO

# Rio Doce maltratado guarda segredos e histórias

O 2º Fórum Águas do Rio Doce reúne ambientalistas e governos em Colatina

NILO TARDIN  
nrtardin@redgazeta.com.br

COLATINA. A crise ecológica que se alastra pelos ecossistemas no Rio Doce ocupará o centro dos debates e foco dos estudos científicos que serão mostrados no 2º Fórum Águas do Rio Doce, na Praça do Sol Poente, em Colatina, entre os

próximos dias 29 e 31.

Sem controle ambiental, a contaminação química e urbana ameaça a saúde da população banhada pelo rio e a escassez de água nos afluentes agrava os problemas.

Os dados sobre a saúde do Rio Doce assustam. Apenas quatro dos 228 municípios de sua bacia tratam o esgoto (Ipatinga, Resplendor, Aimorés e Nova Itueta, em Minas). A carga de sedimentos estrangula a água nos canais, antes navegáveis. A chuva dos últimos dias fez o rio, quase morto, renascer, porém, ele é apenas uma imagem abatida do manancial descoberto pelos navegadores portugueses em 1501.

O Doce guarda mistérios, se-

gredos e desafios desde a ocupação de suas terras incitadas pela lenda das Serras das Esmeraldas, incrustadas de ouro e pedras preciosas, segundo relatos dos viajantes, em 1587.

**Destruição.** Mas a degradação dos habitats condenou à extinção várias espécies na região do Rio Doce, como a arara vermelha e o peixe pintado. Outras aves correm o mesmo risco: bacuraozinho da pedra, papagaio-chauá e macuco. Os pescadores amargam o fim da profissão com a lenta agonia da redução da lâmina d'água.

Os bens naturais e tesouros históricos também não estão livres da destruição e do turismo predatório. Por exemplo, as

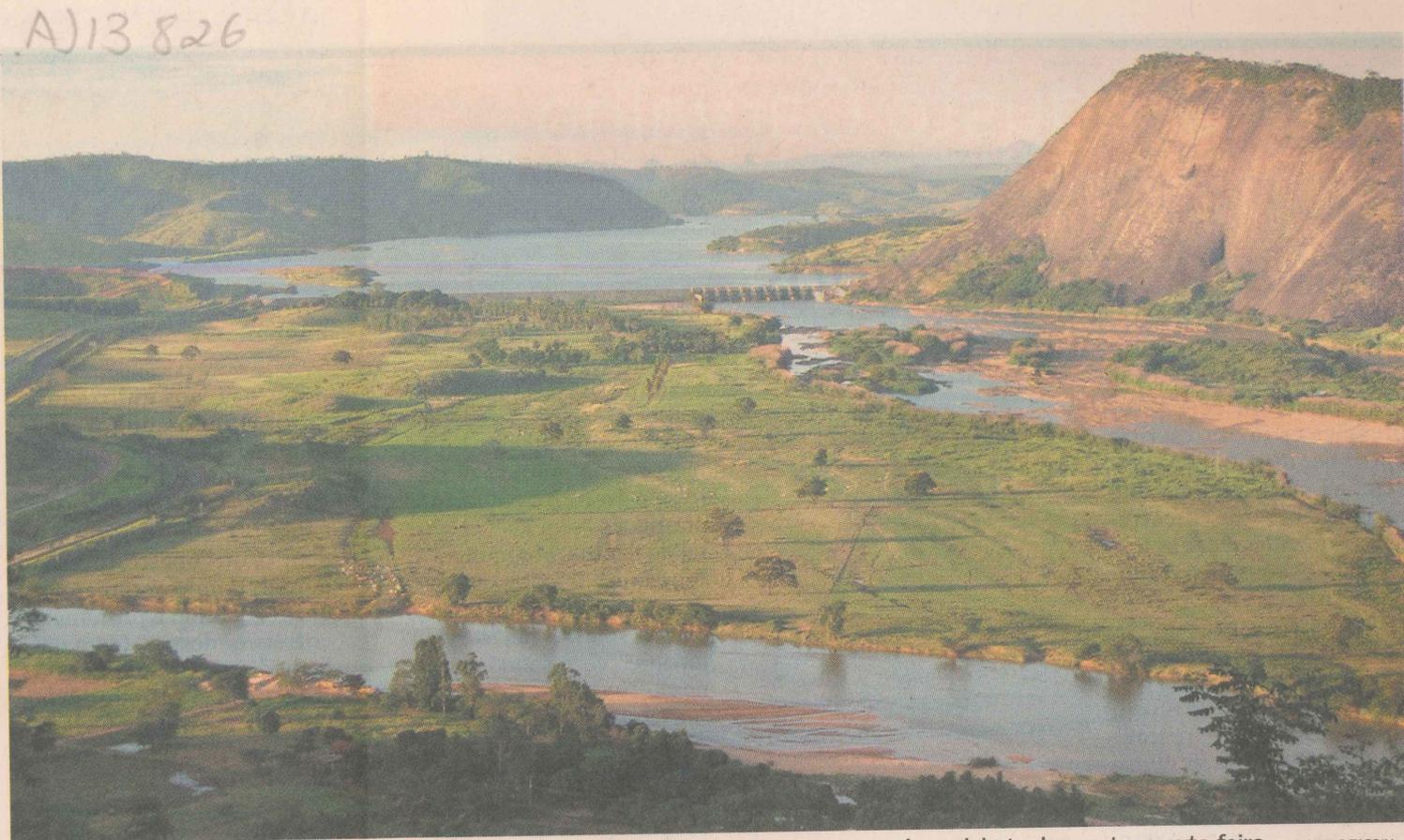
pinturas rupestres das cavernas de Sete Salões (gruta de sete cavernas arenítica, localizada no Parque Estadual de Sete Salões, em Resplendor, MG) são alvo de pichações e depredações, denuncia o presidente do Instituto Pró-Rio Doce Célio Figueiredo.

O Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce (CBH-Doce), criado em 2002, é visto como a saída para os graves problemas ambientais e "é um dos mais bem-estruturados do Brasil", segundo o presidente do CBH e prefeito de Colatina Guerino Balestrassi. Entre os problemas enfrentados pelos prefeitos da bacia estão a falta de recursos para tratar o esgoto.

Somente em Colatina o Doce recebe 130 litros por segundo de esgoto "in natura", despejados de 36 pontos, segundo o Serviço Colatinense de Saneamento Ambiental (Sanear).  
Temas polêmicos estarão em

debate no 2º Fórum Águas do Rio Doce, como a transposição das águas do rio pela Aracruz Celulose, os impactos das usinas hidrelétricas de Mascarenhas e Aimorés e a cobrança pelo uso da captação da água.

ÁGUA. Vista aérea da usina hidrelétrica de Mascarenhas, no Rio Doce: degradação estará em debate de quarta a sexta-feira. FOTOS: NILO TARDIN



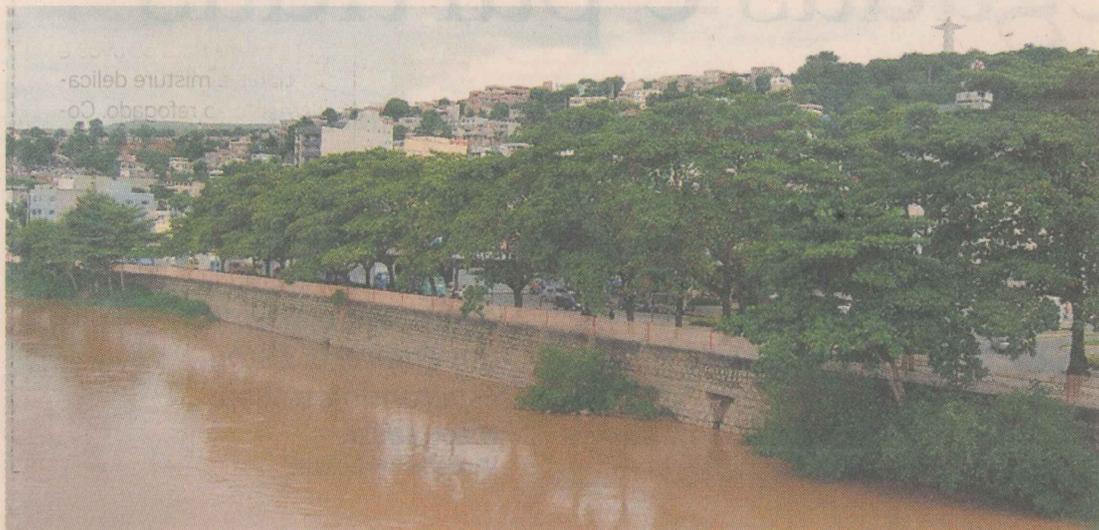
## PROGRAMAÇÃO

**Quarta-feira.** (Dia 29). Abertura das Oficinas educativas, encontro de prefeitos da bacia do Rio Doce e de produtores rurais, mini-cursos, mostra de trabalhos científicos, Noite Capixaba

**Quinta-feira.** Audiência pública (Projeto Espírito Santo 2025), reunião Câmaras Técnicas CBH-Doce, mini-

curso "Direito Ambiental", mostra de experiências técnicas, curso sobre defesa civil, Noite Mineira  
**Sexta-feira.** Mesa redonda "Agências de Desenvolvimento", encontro Câmara Técnica Controle de Cheias, mini-curso "Uso Racional da Água", encontro de pescadores, reunião parlamentar, encerramento

# Região foi povoada há 800 anos



**DEGRADAÇÃO.** As águas que hoje recebem alta carga de esgoto encantaram viajantes estrangeiros

Entre os mistérios e belezas da região banhada pelo Doce estão a imensa cratera na região denominada de Baixio, na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais, e os desenhos rupestres da gruta de Sete Salões, em Resplendor (MG).

Também existem provas de que a região foi povoada há 800 anos, conforme fragmentos cerâmicos, machados de pedra, afiadores entre outros recuperados pela arqueóloga Alenice Baeta. Os objetos indicam a presença dos tupis-guaranis no Vale do Rio Doce e foram encontrados em 19 sítios históricos, hoje submersos pelo lago da Hidrelétrica de Aimorés.

Já a origem do Baixio, próximo a Baixo Guandu, tem duas hipóteses: pode ter resultado do impacto de um meteoro, conforme o arquiteto Frederico Freire, de Colatina, que pesquisou a área e consultou geólogos, ou ser o cume de um vulcão extinto, segundo versão regional.

**Gruta.** Ainda sem proteção governamental, os desenhos rupestres da gruta de Sete Salões estão sendo destruídos por visitantes ocasionais que rabiscam as paredes das cavernas, fazem fogo e espalham lixo pelo local, denuncia o ambientalista Paulo Célio Figueiredo. Sete Salões,

segundo ele, é solo sagrado para os índios Krenaks que vivem na região.

“Pelos seus mitos, acreditam que após a morte a alma dos índios passa a morar nas cavernas mágicas”, conta. A presença humana no Vale do Rio Doce é bem anterior ao que registra a literatura científica regional.

O biólogo Rômulo Ribon encontrou um pássaro raro que só vive nas escapas e lajes de pedra das margens do Rio Doce, o Bacuraozinho da Pedra (*Caprimulgus hirundinaceus villiardi*). “A exploração de granito a médio prazo e o desmatamento são ameaças à existência deste animal”.

## NÚMERO

# R\$ 15 milhões

Foram investidos pelo Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés (CHA) para sanear Itueta, Resplendor e Aimorés com estações de tratamento de esgotos e lixo.

## RADIOGRAFIA

**853** quilômetros é a extensão do Rio Doce

**83,5 km<sup>2</sup>** é o tamanho de sua bacia hidrográfica

**86%** estão em Minas Gerais

**14%**, no Espírito Santo

**228** municípios são banhados pelo Doce

**202** estão em Minas

**26**, no Espírito Santo

**3,1** milhões de pessoas vivem na bacia do Rio Doce

**1,2** mil metros de altitude, nas encostas das serras do Espinhaço e Mantiqueira (MG), é onde brotam as nascentes do rio

# “O rio vem secando”



**PESCA.** O encontro de pescadores, na tarde de encerramento do 2º Fórum das Águas, deve elaborar uma agenda de trabalho para organizar a categoria no médio e baixo Rio, Doce nos próximos dois anos. Os pescadores colatinenses reclamam do sumiço do peixe e se dizem espantados a veloz perda de água. “O rio vem secando depressa. A água fica retida nas barragens de Aimorés e Mascarenhas. Tem dia que dá para atravessar o rio a pé”, observa o pescador Cleber Wotikoski (foto), 30 anos, há 15 vivendo de pesca. A pesca da sardinha rende cerca de 150 quilos diários que são salgados e vendidos para o Rio de Janeiro. Cerca de 15 famílias vivem de pesca nos bairros do IBC e Maria Ortiz. FOTO: NILO TARDIN